



37

**XIX International
Rock Art Conference
IFRAO 2015**

Symbols in the Landscape: Rock Art
and its Context

Editores:

Hipólito Collado Giraldo

José Julio García Arranz

XIX INTERNATIONAL ROCK ART CONFERENCE



CÁCERES (EXTREMADURA, SPAIN)

Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context

**Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015
(Cáceres, Spain, 31 August - 4 September 2015)**



FICHA TÉCNICA

ARKEOS | perspectivas em diálogo, nº 37

Propriedade: ITM – Instituto Terra e Memória

Direcção: a Direcção do ITM

Editores deste volume: Hipólito Collado Giraldo, José Julio García Arranz

© 2015, ITM e autores

Composição: Artes Gráficas Rejas (Mérida)

Fotorreprodução, fotomontagem, impressão e acabamento: Artes Gráficas Rejas (Mérida)

CONSELHO DE LEITORES (referees)

Abdulaye Camara (Senegal) | Carlo Peretto (Italy) | Fábio Vergara Cerqueira (Brazil)

Luís Raposo (Portugal) | Marcel Otte (Belgium) | Maria de Jesus Sanches (Portugal)

Maurizio Quagliuolo (Italy) | Nuno Bicho (Portugal) | Pablo Arias (Spain)

Susana Oliveira Jorge (Portugal) | Vítor Oliveira Jorge (Portugal)

TIRAGEM: 750 exemplares | Depósito legal: 108 463 / 97

ISSN: 0873-593X | ISBN: 978-84-9852-463-5

ARKEOS é uma série monográfica, com edição de pelo menos um volume por ano, editada pelo Instituto Terra e Memória, que visa a divulgação de trabalhos de investigação em curso ou finalizados, em Pré-História, Arqueologia e Gestão do Património. A recepção de originais é feita até 31 de Maio ou 30 de Novembro de cada ano, devendo os textos ser enviados em suporte digital, incluindo título, resumo e palavras-chave no idioma do texto do artigo, em inglês e em português. Os trabalhos deverão estar integrados na temática do volume em preparação e serão submetidos ao conselho de leitores. A aprovação ou rejeição de contribuições será comunicada no prazo de 90 dias.

Solicitamos permuta | On prie l'échange | Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht | Sollicitiamo scambio

CONTACTAR

ITM, Instituto Terra e Memória,

Lg. dos Combatentes, 6120-750 Mação, Portugal

TOMAR, 2015

SYMBOLS IN THE LANDSCAPE: ROCK ART AND ITS CONTEXT

| Actas del Congreso | Conference Proceedings | Actes de la Conférence | Actas de Conferência |

| Editores: Hipólito Collado Giraldo | José Julio García Arranz |



Volume editado com a colaboração da:



FUNDACIÓN
EXTREMEÑA
DE LA
CULTURA



INSTITUTO DE ESTUDIOS PREHISTÓRICOS



JUNTA DE EXTREMADURA



CARP
CENTRO DE ARQUEOLOGÍA Y PATRIMONIO PREHISTÓRICO
www.primo19101.com



MINISTERIO DE CULTURA
DIRECCIÓN GENERAL DE PATRIMONIO HISTÓRICO



FUNDACIÓN CUPARO
INSTITUTO DE PATRIMONIO HISTÓRICO



patrimonio & ARTE
Unidad de Conservación del Patrimonio Artístico



AYUNTAMIENTO
CÁCERES



BETA
Radiocarbon Dating
Beta Analytic Ltd.



Consorcio Cáceres
Ciudad Histórica



UNIVERSIDAD DE EXTREMADURA
VICERRECTORADO DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA



SAEYDE
SERVICIO DE ASESORIA Y EVALUACIÓN DE YACIMIENTOS



DIPUTACIÓN DE CÁCERES

Símbolos de morte em espaços de vida?

Sobre a presença de placas de xisto gravadas em povoados do Alto Alentejo, no contexto do Sudoeste peninsular

MARCO ANTÓNIO ANDRADE
CATARINA COSTEIRA
RUI MATALOTO

“Como era en los poblados donde se preparaban las placas ornamentadas que acompañaban a los guerreros en su última morada, nada me extrañó que apareciesen fragmentos de algunas...”

(Correia, 1921:18).

RESUMO: Como típico artefacto votivo das comunidades megalíticas do Neolítico final/Calcolítico inicial do Sudoeste peninsular, as placas de xisto gravadas surgem maioritariamente em contextos funerários balizados entre os últimos séculos do 4º e os primeiros do 3º milénio a.n.e. Contudo, estes artefactos surgem igualmente em espaços de evidente carácter habitacional, em povoados de tipologia diversa, com datações radicarbónicas que os enquadram entre o último quartel do 4º e a segunda metade do 3º milénio a.n.e. Usando, como *case study*, diversos sítios do Alto Alentejo, pretende-se avançar com algumas linhas interpretativas sobre a presença destes artefactos em contextos habitacionais – debatendo questões como a existência de áreas efectivas de produção em espaços *intra-habitat (ateliers)* ou a recuperação de artefactos e sua reintrodução em áreas habitacionais (como *reliquias*, entendidos no quadro de novas concepções simbólicas), possivelmente recuperados no âmbito do reuso de monumentos megalíticos, prática atestada no Sudoeste peninsular durante todo o 3º milénio a.n.e., e mesmo no seguinte.

PALAVRAS-CHAVE: Placas de xisto gravadas, Neolítico final/Calcolítico, Povoados, *Ateliers*, Sudoeste peninsular.

ABSTRACT: As a typical votive artefact of the megalithic communities of the Late Neolithic/Early Chalcolithic in Southwest Iberia, the engraved schist plaques can be found mainly in funerary contexts during the last centuries of the 4th millennium and the firsts of the 3rd millennium BCE. However, these artefacts are also present in residential spaces, being found in open settlements, fortified settlements and ditched enclosures, with radiocarbon dates that fall between the last quarter of the 4th millennium and the second half of the 3rd millennium BCE. Using several sites of the region of North Alentejo as case studies, the authors intend to put forward some interpretive lines about the presence of these artefacts in residential contexts – debating questions such as the existence of actual production areas within the settlement space (workshops) or the recovery and reintroduction of these artefacts in residential areas (as *relics*, understood in the context of new symbolic concepts),

possibly recovered during the reuse of megalithic monuments, a practice widely known in the Southwest Iberia throughout the whole 3rd millennium and even in the 2nd millennium BCE.

KEYWORDS: Engraved schist plaques; Late Neolithic/Chalcolithic; settlements; workshops; Southwest Iberia.

Objectivos e definição dos casos em análise

Assumidas como característico artefacto votivo das comunidades megalíticas do Neolítico final/Calcolítico inicial do Sudoeste peninsular, as placas de xisto gravadas surgem maioritariamente em contextos funerários balizados entre os últimos séculos do 4^o e meados do 3^o milénio a.n.e., por vezes formando conjuntos com mais de uma centena de exemplares. A sua manifesta concentração no Alentejo central, surgindo tanto em monumentos ortostáticos como em *tholoi*, permite supor que o seu foco de disseminação (e dos rituais funerários associados) é efectivamente esta região – estendendo-se até outras áreas, como a Estremadura, Algarve e Andaluzia.

As placas surgem também em espaços habitacionais distribuídos por este extenso território, em povoados aparentemente abertos, muralhados e delimitados por fossos, com datações radiocarbónicas que os enquadram entre o último quartel do 4^o e a segunda metade do 3^o milénio a.n.e.

Com efeito, na extensa peneplanície que se abre a Sul da Serra de São Mamede até à Serra do Mendro, e entre o curso do Guadiana e a Charneca do Ribatejo, desenvolve-se uma consistente tradição megalítica fundada no Neolítico médio, que se assume, a partir do último quartel do 4^o milénio a.n.e., como um grupo coevo com identidade particular no contexto do Megalitismo pan-europeu, agindo precisamente as placas de xisto gravadas como elemento distintivo desta própria identidade.

Será portanto neste território, correspondente em grande medida ao Alto Alentejo, que nos iremos centrar. A maior parte da informação disponível é proveniente do distrito de Évora, certamente a região com maior densidade de placas de xisto, e que vem sendo usualmente interpretada como o território de emergência e consolidação deste artefacto ideotécnico. Assim, como estudos de caso, serão abordadas as existências documentadas em espaços de aparente cariz habitacional distribuídos pelo Alto Alentejo, com especial incidência na sua metade Sul, correspondente em boa medida ao Alentejo central (Fig. 1).

A diversidade de situações registada, com relativa escassez de dados recentes, provenientes de escavações devidamente publicadas, impõe fortes condicionantes à análise de existências documentadas por recolhas de superfície, ou resultantes de trabalhos antigos.

Neste estudo não foram consideradas as pequenas placas de xisto anepígrafas identificadas em muitos destes povoados, cuja integração no contexto mágico-simbólico é mais complexa de descortinar.

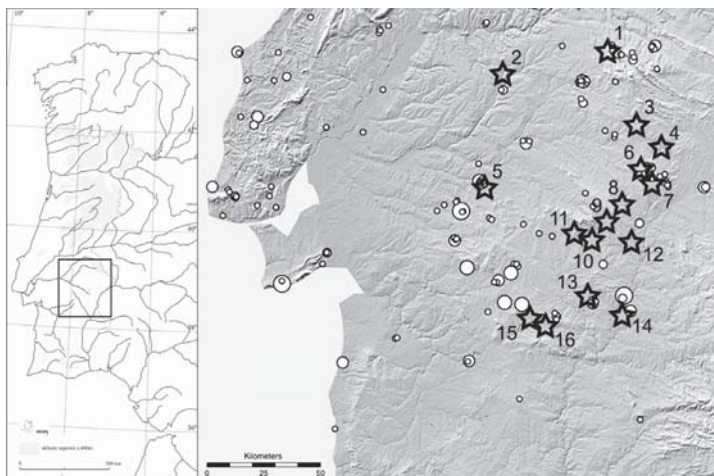


FIG. 1. Situação da área do Alto Alentejo no Extremo Ocidente Peninsular e localização aproximada dos povoados estudados em relação aos contextos funerários com placas de xisto gravadas (o volume dos círculos corresponde à densidade de exemplares). 1: Castelo de Vidais; 2: Serra 1; 3: Moreiros; 4: Santa Vitória; 5: Castelo de Pavia; 6: Fontalva; 7: Horta da Vinagreira; 8: Terrugem; 9: Fonte Ferrenha; 10: Candeeira 1; 11: São Pedro; 12: Águas Frias; 13: Perdigões; 14: Porto das Carretas; 15: Celeirões; 16: Ponte da Azambuja 2. Base cartográfica do segundo mapa adaptado de Lillios 2008:15, Figura 1.6.

O Alto Alentejo entre finais do 4º e meados do 3º milénio a.n.e.

A segunda metade do 4º e a primeira do 3º milénio a.n.e. terá sido um momento de intensa transformação e adaptação do território e da paisagem alentejana, correspondendo a uma fase de intenso crescimento nas dinâmicas populacionais, demográficas e certamente culturais.

Os últimos séculos do 4º milénio a.n.e. terão sido marcados pela emergência de ocupações de pequena/média dimensão, em áreas aplanadas adjacentes a linhas de água e solos férteis, geralmente dotadas de uma ou mais linhas de fossos, usualmente serpenteantes, constituindo Juromenha 1 (Calado e Rocha 2007; Calado e Roque 2013), Águas Frias (Calado e Rocha 2007:35), Perdigões (Valera *et al.* 2014:17) ou Ponte da Azambuja 2 (Rodrigues 2008) alguns dos exemplos mais emblemáticos deste modelo.

Os fossos serpenteantes detectados nestes locais parecem antecipar o “*design*” das estruturas de fortificação que iremos conhecer posteriormente (Mataloto *et al.* 2007:126). A par destas agregações de maiores dimensões, ter-se-á desenvolvido uma intensa malha de pequenas ocupações, dispersas na paisagem, que começam também agora a ocupar algumas das elevações que depois virão a conhecer instalações fortificadas. Ainda antes do final do milénio parece iniciar-se uma profunda transformação das malhas de povoamento que acabará por acometer boa parte das instalações de fossos citadas acima (Mataloto e Boaventura 2009).

Este processo generalizado de abandono dos povoados de fossos do 4º milénio a.n.e. regista-se por exemplo em Ponte da Azambuja 2 (Rodrigues 2008) e Juromenha 1 (Calado e Rocha 2007). Em traços gerais, este processo de reorganização do povoamento na viragem do 4º para o 3º milénio a.n.e. parece ser caracterizado por uma forte tendência agregadora da população, capaz de gerar unidades de povoamento de dimensões bastante consideráveis, emergindo uma nova rede de povoados médios e grandes, caso das fases média e recente dos Perdigões (Valera *et al.* 2014)

ou Porto Torrão (Valera e Filipe 2004), que poderão ter coordenado territórios mais amplos na sua envolvente, podendo gerar inclusivamente novas dinâmicas de gestão da morte e dos espaços funerários.

A par desta rede de povoados médios e grandes, parece estruturar-se nas margens, mas também no interior, do território envolvente destas grandes aglomerações uma rede de povoados de altura fortificados, que emerge pouco depois da viragem do milénio, sobrepondo por vezes ocupações anteriores, abertas, mas posicionadas em cabeços dominantes.

A partir de meados do 3º milénio a.n.e., toda esta forma de estruturar o povoamento e o território desmembrar-se-á, traduzindo-se em novo abandono de grande número de ocupações. Com a desestruturação das redes de povoamento parece igualmente desagregar-se todo o sistema ideológico de suporte, que terá inevitáveis repercussões na gestão e ritualização da morte.

No contexto desta dinâmica populacional desenvolve-se uma tradição megalítica perfeitamente individualizável – caracterizada principalmente pelos monumentos do eixo Montemor-Évora-Reguengos, no qual podemos distinguir genericamente dois grandes momentos evolutivos.

Um primeiro, balizado genericamente entre o segundo e o último quartel do 4º milénio a.n.e (Boaventura e Mataloto 2013:96), caracteriza-se por pequenas sepulturas, sem Corredor ou com este curto. Estas, com mobiliários votivos bastante simples, compostos por artefactos de pedra polida, geométricos, pequenas lâminas e escassa ou inexistente cerâmica, estarão eventualmente relacionadas com inumações individuais ou mono-familiares.

O segundo momento, balizado entre finais do 4º milénio a.n.e e meados do seguinte, caracteriza-se por sepulcros de média a grande dimensão, por vezes com Corredor longo, destinados a inumações colectivas, sendo os mobiliários votivos compostos por abundante cerâmica, peças líticas bifaciais, grandes lâminas retocadas, placas de xisto gravadas e escassos artefactos de pedra polida. Neste mesmo contexto crono-cultural inclui-se também o primeiro momento dos *tholoi* alentejanos (do qual o monumento do Escoural é paradigma evidente).

Placas de xisto gravadas em povoados do 4º e 3º milénio a.n.e. no Alto Alentejo: os casos de estudo

O conjunto de sítios é relativamente reduzido, contudo apresenta-se bastante diversificado, se atendermos aos modelos de povoamento. Os dados reportam-se, em boa medida, a recolhas de superfície ou a trabalhos de escavação antigos ou sumariamente publicados – tendo sido apenas objecto de escavações recentes (com dados publicados) os sítios de São Pedro, Águas Frias, Perdigões, Porto das Carretas e Ponte da Azambuja 2.

Importa fazer aqui uma pequena reflexão sobre o que consideramos ser um “povoado”. Considerámos como povoados os sítios arqueológicos cujas existências materiais remetem, maioritariamente, para contextos de cariz habitacional e funcional quotidiano. Todavia, sabemos que a dificuldade de reconhecer os efectivos contextos de uso e abandono no interior dos espaços supostamente habitacionais, onde em vários casos poderão existir igualmente áreas funerárias, impõe algumas reservas, atendendo

que com frequência estes sítios são enormes palimpsestos decorrentes de centenas de anos de ocupação de natureza diversa.

1. Castelo de Vidais (*Castelo de Vide*)

O complexo de Vidais apresenta uma larga diacronia de ocupação, do Neolítico ao período romano republicano. Instala-se no topo de um cabeço destacado, na extremidade de um esporão virado ao Rio Sever, registando-se a abundante presença de formações geológicas de tipo abrigo. O conjunto calcolítico, recolhido por Pedro Pena no primeiro quartel do século passado, compõe-se por abundantes recipientes cerâmicos (incluindo formas de bordo almendrado), artefactos de pedra polida, elementos de mó, elementos de tear (placas e crescentes), algarviz de barro e três placas de xisto gravadas (Leisner e Leisner 1959:25).

A primeira (Fig. 2:1) corresponde a uma placa inteira (com alguns lascamentos na face), decorada com faixas ziguezagueantes não compartimentadas prolongando-se até à área da Cabeça (indicada apenas pela “Cabeça dentro da Cabeça”); junto à base tem gravada uma faixa horizontal preenchida (Indicador de fim de placa). O segundo (Fig. 2:2) corresponde a uma placa praticamente inteira, decorada com faixas ziguezagueantes não compartimentadas (duas) rematadas por banda de triângulos preenchidos com o vértice para cima e encimadas por faixa horizontal preenchida; apresenta ainda moldura periférica composta por bandas de triângulos preenchidos com o vértice voltado para o interior da placa, com dupla perfuração na área decorativa do Corpo, talvez devido a uma má paginação da Cabeça (apresentando-se excessivamente curta). O último (Fig. 2:3) corresponde a um fragmento basal, com decoração composta por bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (uma conservada) encimando faixas verticais preenchidas (motivo híbrido).

De acordo com os dados disponíveis, o grosso da informação relativa ao Calcolítico remete-se aos abrigos sob rocha (as Lapas de Vidais), escavados na década de 70 do século passado (“Importantes descobertas arqueológicas no povoado da Idade do Cobre de Vidais (Marvão)”, *Clio*, nº1, 1979). Apesar de a maioria do espólio se referir a elementos próprios de um contexto habitacional (como os elementos de mó e os elementos de tear), identificou-se uma inumação em fossa possivelmente calcolítica – pelo que as placas de xisto poderão ser provenientes de enterramentos realizados neste contexto. Da mesma maneira, Pedro Pena realizou igualmente escavações em monumentos próximos ao povoado (como Enxreira de Vidais), podendo-se levantar a hipótese de as placas de xisto serem daqui provenientes e incluídas num conjunto genérico atribuído a Vidais. No entanto, não sendo possível clarificar esta hipótese, inclui-se igualmente esta referência neste estudo.

2. Serra 1 (*Ponte de Sor*)

Povoado calcolítico instalado na vertente de uma linha de cumeeada sobranceira à margem direita da Ribeira de Sor, não apresentando aparentes preocupações de carácter defensivo (PONTIS 1999:36). Documentado exclusivamente por recolhas de superfície, forneceu formas de bordo espessado

(pratos, taças e potes), elementos de tear (crescente), ponta de seta de base côncava. No conjunto inclui-se também um fragmento distal de placa de xisto (Fig. 2:4), perfurada, de contorno notoriamente trapezoidal. Apresenta Cabeça decorada com bandas horizontais convergindo dos bordos laterais para a “Cabeça dentro da Cabeça”, sendo a decoração do Corpo composta por bandas de triângulos (duas conservadas).

3. *Moreiros 2 (Arronches)*

Localiza-se numa pequena colina alongada de encostas suaves, com visibilidade limitada para todos os quadrantes, excepto para poente. Os primeiros trabalhos arqueológicos realizados (Boaventura 2006), devido à actividade de uma pedreira, permitiram identificar três linhas de fossos, várias fossas e um conjunto artefactual característico do final do 4º/início do 3º milénio a.n.e. (abundância de recipientes carenados e presença de formas de bordo espessado, principalmente nas unidades superficiais), o que é corroborado pelas datações entretanto conseguidas (Valera *et al.* 2013:43). A realização de prospecções geofísicas neste sítio permitiu ampliar a sua dimensão e a quantidade e diversidade de estruturas negativas de tipo fosso identificadas, seguramente associadas a diferentes momentos de ocupação (Valera *et al.* 2013), que podem superar o limite cronológico inicialmente proposto.

Aqui identificaram-se pequenos fragmentos de placas de xisto gravados com linhas reticuladas e várias lascas de xisto de dimensões reduzidas, sugerindo a sua produção local (Boaventura 2006:71).

4. *Santa Vitória (Campo Maior)*

Instala-se num cabeço destacado na paisagem, estando dotado de duas linhas de fossos concêntricos, apresentando o recinto interior planta sinuosa. As escassas linhas publicadas sobre este sítio contrastam com quase uma década de trabalhos arqueológicos (Dias 1994, 1996, 2001), sendo assim difícil a sua caracterização exacta. Apresenta duas fases de ocupação, sendo que a mais antiga (da primeira metade do 3º milénio a.n.e., caracterizada por formas carenadas e de bordo espessado) corresponderia o recinto interior, cujo fosso estaria aparentemente associado a “murallas” de adobe eventualmente reforçadas por paliçada. A segunda fase, mais recente mas ainda integrada no Calcolítico, caracteriza-se pela presença de lareiras e cabanas instaladas sobre as estruturas negativas anteriores já colmatadas.

Deste sítio provém uma placa de xisto gravada, correspondendo a um fragmento mesial decorado com bandas de triângulos preenchidos, estando quatro conservadas (imagem disponível no painel informativo e Guia Arqueológico produzido pelo IPPAR).

5. *Castelo de Pavia (Mora)*

Povoado calcolítico aparentemente fortificado, instalado sobre um esporão elevado, dominando um meandro da Ribeira de Tera. As características do espólio apontam ocupações atribuíveis, pelo menos, ao Calcolítico pleno. Destaca-se a presença de elementos de mó, artefactos de

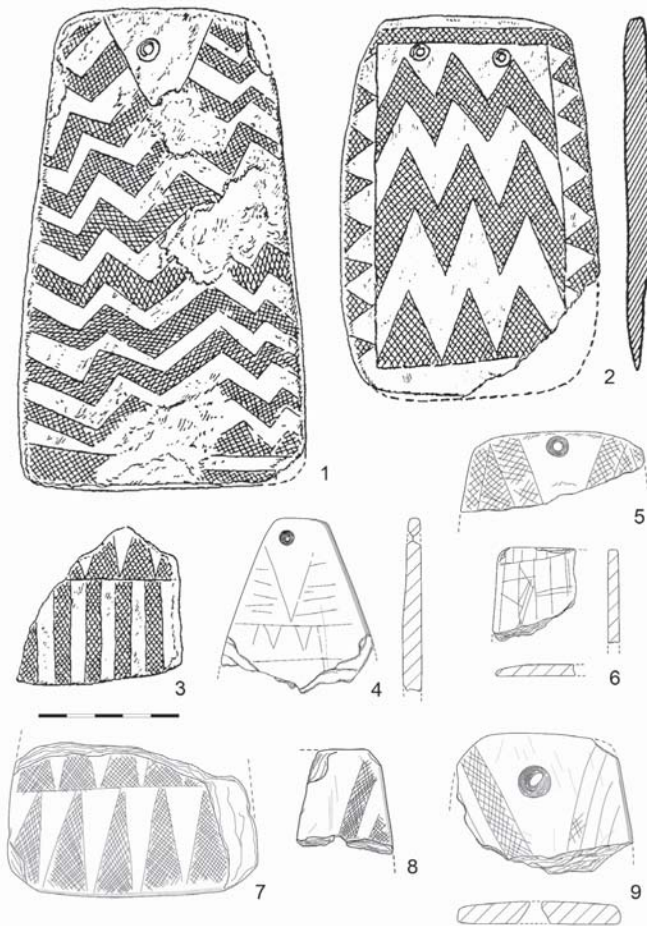


FIG. 2. Placas de xisto gravadas de contextos habitacionais da área do Alto Alentejo. 1-3: Castelo de Vidais (adaptado de Leisner e Leisner 1959:Tafel 5); 4: Serra 1 (redesenhado a partir de PONTIS 1999:186, Figura 54); 5-6: Castelo de Pavia (5 redesenhado a partir de Leisner e Leisner 1959:Tafel 24); 7-8: Fontalva (desenhado a partir de Paço *et al.* 1957:128, Estampa VIII, sem escala no original); 9: Terragem (redesenhado a partir de Calado 2001:168, Figura 32).

pedra polida, lâminas retocadas, pontas de seta (de base côncava e de aletas), artefactos de cobre (machado, punção, lâmina), formas de bordo espessado, cerâmica decorada, elementos de tear (crescentes e placas, com maior predomínio dos últimos) e algarviz de barro (Correira 1921:11-24; Leisner e Leisner 1959:116-118; Rocha 1999).

É referida a recolha de placas de xisto, correspondendo a três fragmentos decorados com faixas ziguezagueantes (um deles com prolongamento do motivo do Corpo para a área da Cabeça, tratando-se de uma placa sem separação entre estes dois campos), três fragmentos decorados com bandas de triângulos preenchidos e um fragmento do topo (Leisner e Leisner 1959:117-118). Este, o único graficamente disponível na respectiva literatura, refere-se ao topo de uma placa conservando a perfuração (Fig. 2:5). A Cabeça está aparentemente decorada com motivo em M, composto por faixas verticais preenchidas junto aos bordos laterais e faixas oblíquas con-

vergentes na parte interna (a “Cabeça dentro da Cabeça” sendo formada pelo V interno). No entanto, no caso desta placa, o triângulo formado pela junção da faixa vertical lateral com a faixa oblíqua interna (apresentando-se normalmente liso) encontra-se preenchido.

Recentemente, incluído no espólio da anta de Cabeço do Considreiro 1 (MNA), foi identificado por um dos signatários (MAA) um pequeno fragmento de placa de xisto que, pelo número de inventário, será proveniente deste sítio (Fig. 2:6). Apresenta gravação deficientemente estruturada, podendo corresponder a um ensaio. A dimensão do fragmento não permite grandes considerações, sendo apenas de referir o facto de apresentar polimento sobre fractura no bordo superior, cortando a gravação – correspondendo a um fragmento de placa reaproveitada.

6. Fontalva (Elvas)

Povoado calcolítico instalado sobre a pequena elevação onde se encontra o palácio de Fontalva e respectivas dependências agrícolas. O espólio, referente a uma ocupação do 3º milénio a.n.e., foi recolhido durante trabalhos de construção nestes edifícios (Paço *et al.* 1957). É composto por elementos de mó, artefactos de pedra polida, pedra lascada, cerâmica lisa, elementos de tear (placas) e cossoiros.

Incluídos neste conjunto, encontram-se dois fragmentos de placas de xisto, que A. do Paço e colaboradores referem como podendo pertencer à mesma peça (Paço *et al.* 1957:127) – não se confirmando tal hipótese. O primeiro (Fig. 2:7) refere-se ao fragmento da base de uma placa, mantendo a totalidade da sua largura basal, sendo a decoração do Corpo composta por bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (estando conservadas apenas duas). O segundo (Fig. 2:8) refere-se ao fragmento do topo direito de uma placa, conservando parte da decoração da Cabeça, formada por faixas oblíquas preenchidas (estando apenas duas conservadas).

7. Horta da Vinagreira (Elvas)

Instala-se sobre um outeiro elevado, com abundante espólio à superfície, incluindo fragmentos de placas de xisto (Viana e Deus 1957:98). O espólio, incluindo a sondagem de 1952, compõe-se por artefactos de pedra polida, lâminas de sílex, cerâmica com decoração incisa, cerâmica mamilada e elementos de tear (placas). Os fragmentos de placas de xisto não se encontram representados na respectiva literatura (tanto em número como em características formais), pelo que não poderão ser descritos, valendo apenas a referência da sua presença.

8. Terrugem (Elvas)

Povoado calcolítico instalado sobre outeiro destacado, com excelente domínio sobre a paisagem envolvente, reconhecido exclusivamente por recolhas de superfície. De entre o espólio, destaca-se a presença de cerâmica campaniforme com decoração incisa, sugerindo ocupações até pelo menos o último quartel do 3º milénio a.n.e. (Boaventura 2001; Mataloto 2006).

Neste contexto, foi recolhido igualmente um fragmento de placa de xisto (Calado 2001). Refere-se a um fragmento da Cabeça (Fig. 2:9), com perfuração, decorada por faixas oblíquas preenchidas (duas conservadas em ambos lados), formando as interiores a “Cabeça dentro da Cabeça”. Não se encontra conservada qualquer parcela do Corpo, não sendo possível definir o seu padrão decorativo.

9. Fonte Ferrenha (Redondo)

Povoado calcolítico (eventualmente fortificado, segundo Calado e Mataloto 2001) instalado em outeiro destacado na aba NE da Serra d’Ossa. Tendo sido bastante afectado pelo plantio de eucaliptos, forneceu abundante espólio à superfície: elementos de mó, formas de bordo espessado, artefactos de pedra polida, artefactos de pedra lascada (lâminas e pontas de seta), fragmentos de queijeiras, fragmentos de cadinhos, fragmento de figura idólicamente decorada – contando-se fragmentos de cerâmica campaniforme com decoração incisa e cerâmica decorada com unguiações, apontando etapas tardias do 3º milénio a.n.e. (Calado 2001; Calado e Mataloto 2001; Mataloto 2006).

A placa de xisto aqui recolhida corresponde a um fragmento da base, estando decorada com bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima, conservando apenas as duas últimas (Fig. 3:1).

10. Candeeira 1 (Redondo)

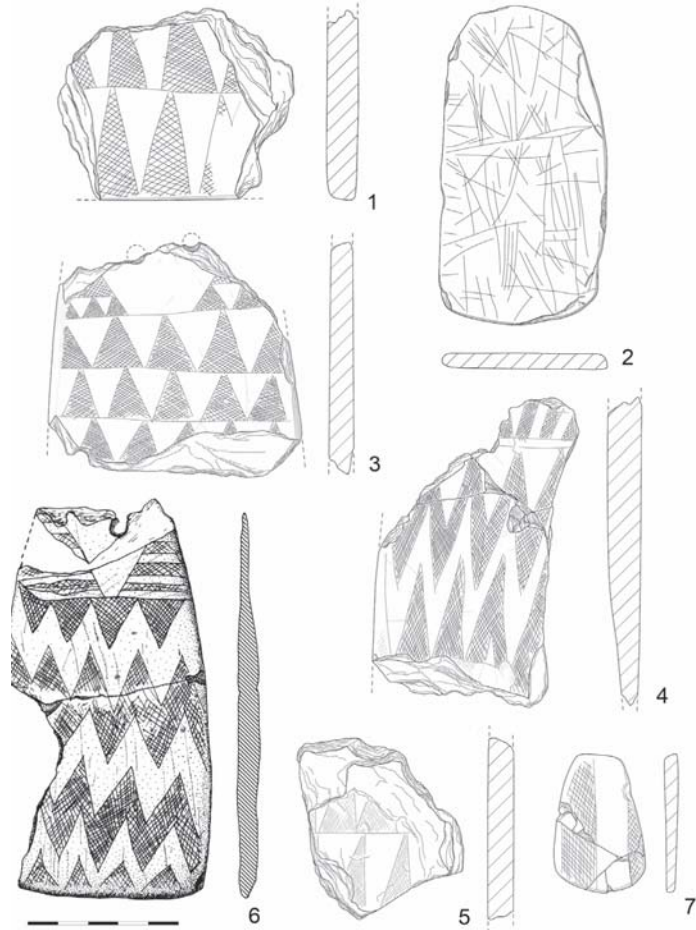
Povoado aberto com escassos materiais de superfície, incluindo formas com bordos espessados e almendrados, cerâmica com decoração incisa, elementos de tear (crescentes e placas) e artefactos de pedra polida, integralmente no 3º milénio a.n.e. (Calado 2001; Calado e Mataloto 2001). Aqui se recolheu uma placa de xisto sumariamente afeiçãoada, apresentando incisões dispostas caoticamente e deficientemente estruturadas, sem orifício de suspensão (Fig. 3:2).

Apesar de se tratar de uma placa sumariamente conformada e com gravação caótica e aparentemente sem sentido, é perfeitamente perceptível que esta procurou obedecer ainda aos critérios estruturantes da decoração das placas de xisto gravadas, sendo notória (mesmo que em esboço) a delimitação da “Cabeça dentro da Cabeça” e da linha de separação morfológica entre a Cabeça e o Corpo (Fig. 4). Poderá assim referir-se a um exemplar abandonado em fase inicial de produção (esboço), reflectindo possíveis esquemas de aprendizagem ou o simples teste da adequação do suporte à finalidade pretendida. De notar igualmente a ausência de perfuração, que se constatará abaixo nos exemplos de Águas Frias.

11. São Pedro (Redondo)

Implanta-se num cabeço alongado de vertentes íngremes e topo aplanado, localizado na margem Nascente da planície central do Redondo, a Sul da Serra d’Ossa (Calado 1993, 1995, 2001). Entre 2004 e 2009, sob a direcção de um dos signatários (RM), desenrolou-se uma extensa intervenção arqueológica (Mataloto *et al.* 2007; Mataloto 2010). O sítio foi ocupa-

FIG. 3. Placas de xisto gravadas de contextos habitacionais da área do Alto Alentejo. 1: Fonte Ferrenha (redesenhado a partir de Calado 2001:149, Figura 13); 2: Candeeira 1 (redesenhado a partir de Calado 2001:168, Figura 32); 3-5: São Pedro (SPD[115]75, SPD[1344]14 e SPD[205]29); 6: Porto das Carretas (adaptado de Soares, 2013:271, Figura 185); 7: Ponte da Azambuja 2 (cortesia de Filipa Rodrigues, Crivarque, Lda.)



do entre os finais do 4º e grande parte do 3º milénio a.n.e, de que resultaram cinco grandes momentos de ocupação.

A uma ocupação inicial, aparentemente aberta, enquadrada na transição do 4º para o 3º milénio a.n.e., sucede-se a primeira grande fase construtiva, com a edificação de uma linha de muralha dotada de espessos bastiões e duas torres circulares internas (Fase II). Nos inícios do segundo quartel do 3º milénio a.n.e., após o abandono e desmantelamento de grande parte das estruturas anteriores, desenrola-se uma ocupação aparentemente aberta (Fase III). A Fase IV, genericamente enquadrável dentro dos últimos séculos do segundo quartel do 3º milénio a.n.e., caracteriza-se pela construção de uma pequena estrutura de fortificação, de planta circular, provida de um conjunto de bastiões ocios semicirculares. No interior da área fortificada registaram-se duas torres circulares, e no exterior diversos vestígios

de construções domésticas e de estruturas negativas. Após o abandono destas estruturas, desenrola-se, provavelmente durante o terceiro quartel do 3º milénio a.n.e., uma ocupação caracterizada pela presença de um conjunto de cabanas de planta circular com embasamento pétreo (Fase V). O fim desta ocupação é marcado pela construção de um extenso empedrado que circundava a ruína do antigo povoado. Neste sítio foram recolhidos três fragmentos de placas de xisto (Figs. 4 e 5).



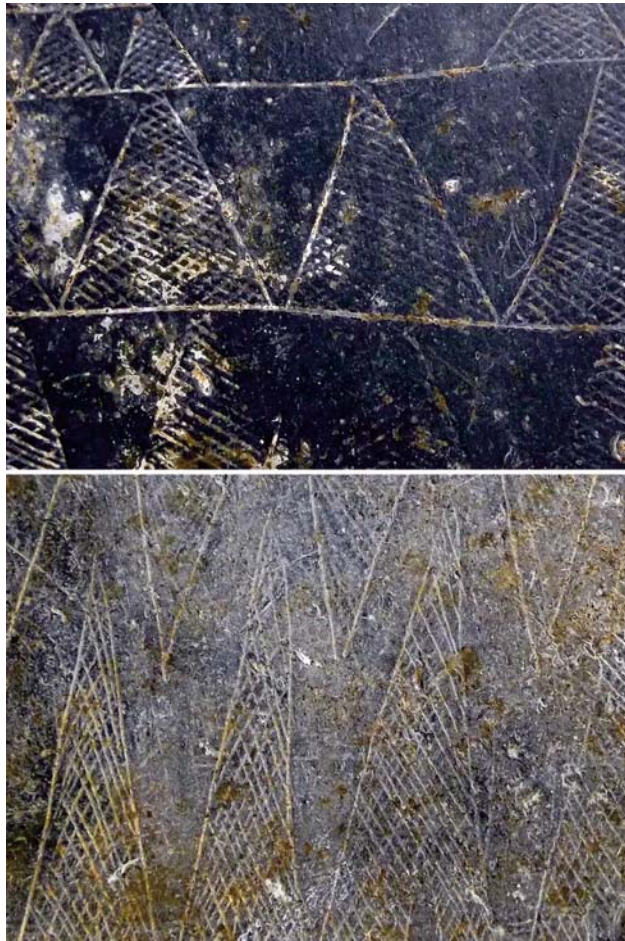
FIG. 4. A placa de Candeeira 1, com reforço gráfico da delimitação da “Cabeça dentro da Cabeça” e da separação Cabeça-Corpo, notando-se a preocupação (ainda que ténue) em obedecer à estruturação básica da decoração das placas de xisto gravadas. Nota-se igualmente a tentativa de esboço de alguns triângulos na área do Corpo.



FIG. 5. Placas de xisto gravadas de São Pedro: SPD[115]75, SPD[1344]14 e SPD[205]29.

O exemplar SPD[115]75 (Fig. 3:3) foi recolhido numa extensa unidade estratigráfica documentada no Sector B, em posição relativamente superficial, associável à Fase V, provavelmente já da segunda metade do 3º milénio. Corresponde a um fragmento mesial conservando a parcela superior do Corpo e a parcela inferior da Cabeça. O primeiro apresenta-se decorado com bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (estando conservadas três destas bandas). A decoração da Cabeça permite, à primeira vista, considerar esta placa como uma variante das placas com Cabeça tri-partida, apresentando bandas de pequenos triângulos preenchidos rematando o motivo genérico. A “Cabeça dentro da Cabeça” apresenta feição trapezoidal, sugerindo a dupla perfuração uma subtil ideia de antropomorfismo. De salientar a simetria da sua composição decorativa, apresentando paginação homogénea e decoração cuidada disposta em reticulado fino (Fig. 6).

FIG. 6. Pormenor da gravação do Corpo das placas de São Pedro SPD[115]75 e SPD[205]29.



A placa SPD[205]29 (Fig. 3:4) foi recolhida numa das unidades de topo do preenchimento da estrutura negativa [187], revestida por um murete de cuidada alvenaria. O posicionamento estratigráfico desta estrutura é complexo, ao estar imediatamente subjacente ao estrato superficial; contudo, o facto de segmentar um dos troços da estrutura de fortificação da Fase II remete-a para um momento mais recente, provavelmente da Fase IV ou V. Este fragmento representa a área mesial de uma placa de xisto conservando parte do Corpo, cuja decoração é composta por faixas ziguezagueantes não compartimentadas (duas conservadas). O Separador Cabeça/Corpo forma-se por uma faixa lisa. A Cabeça, conservada no seu terço inferior, apresenta decoração composta por faixas oblíquas preenchidas (formando as interiores a “Cabeça dentro da Cabeça”). Na base do enchimento da estrutura negativa em que a placa foi documentada registou-se a presença de outros elementos que poderão remeter igualmente para contextos simbólicos, nomeadamente uma haste de veado e partes substanciais de vários recipientes cerâmicos – principalmente um grande vaso globular.

O fragmento SPD[1344]14 (Fig. 3:5), correspondendo à área mesial de uma placa, apresenta superfícies bastante erodidas, sendo perceptíveis duas bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima, formando o motivo decorativo do Corpo. Este foi documentado também no Sector B, num pequeno estrato integrável na Fase IV, aparentemente associável a contextos de origem habitacional.

No geral, pelo seu estado de conservação e localização, as placas parecem estar remobilizadas, em contextos secundários, sem sinais evidentes de amortização simbólica, ainda que no caso do exemplar SPD[205]29 se possa equacionar a sua associação a um contexto de amortização intencional.

12. *Águas Frias (Alandroal)*

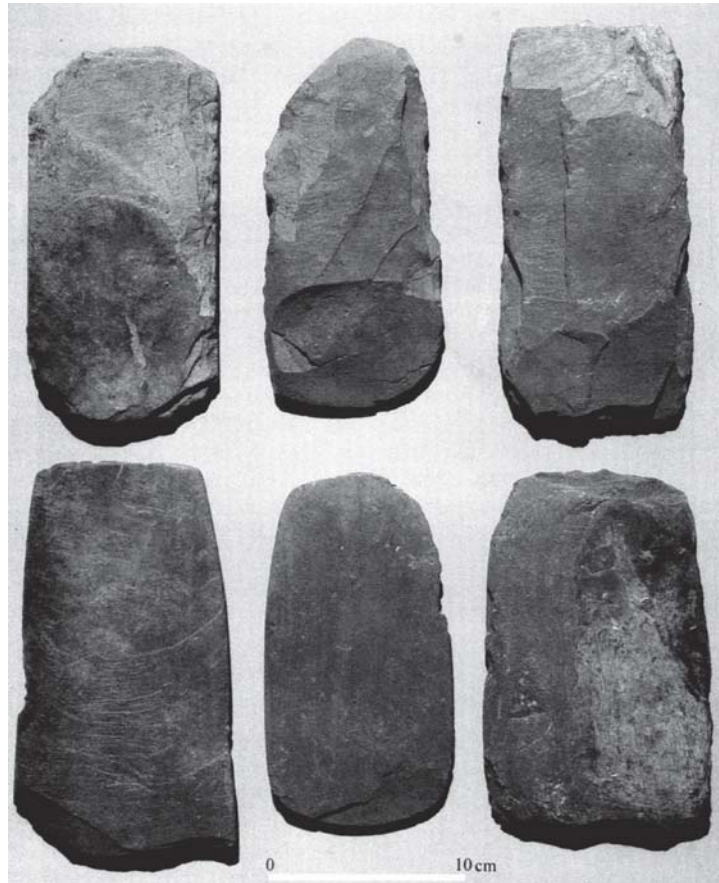
A extensa intervenção levada a efeito no local, com a decapagem de toda a superfície ocupada, permitiu documentar uma ocupação com três linhas concêntricas de fossos sinuosos, de planta semicircular, apresentando o recinto exterior (aparentemente mais tardio e menos sinuoso) cerca de 250m de diâmetro. Instala-se em área baixa, numa ligeira vertente adjacente ao que deve ter sido a margem esquerda de um lago natural no curso da Ribeira de Lucefece (Calado e Rocha 2007; Calado e Roque 2013:153). Não estando disponíveis datações, será originalmente (pela avaliação das características do espólio recuperado, destacando-se as taças carenadas e os esféricos mamilados), contemporâneo de Juromenha 1 e da primeira fase de Malhada das Mimosas – o primeiro com datações que o colocam no último quartel do 4º milénio a.n.e. (Mataloto e Boaventura 2009). Teríamos assim uma ocupação relativa a finais do 4º milénio a.n.e. circunscrita aos dois recintos interiores, estendendo-se na primeira metade do 3º milénio ao recinto exterior (perceptível já pela presença de formas de bordo espessado).

Este sítio corresponde ao único grande centro de produção de placas de xisto até ao momento reconhecido no Sudoeste peninsular – circunstância baseada no número e diversidade dos elementos recolhidos, correspondentes a toda a cadeia operatória. Encontram-se presentes placas em todos

os estádios de fabrico, desde suportes brutos e suportes sumariamente conformados ou sumariamente polidos até placas gravadas (Fig. 7). Será de notar, todavia, que estas últimas, atendendo à pouca simetria que exibem, podem reportar-se a ensaios de gravação, reflectindo possíveis esquemas de aprendizagem (sendo raros os exemplares que se poderão considerar como *acabados*). De notar igualmente a total ausência de exemplares perfurados, sendo assim de admitir que a perfuração se refere ao último estágio de fabrico (como parece indiciar a presença de perfurações cortando a decoração em alguns elementos provenientes de contextos funerários). Estes artefactos foram recolhidos tanto à superfície, como no interior dos diversos contextos identificados (fossos e fossas/silos, segundo Calado e Roque 2013:153).

O conjunto encontra-se actualmente em estudo no âmbito do Projecto PLACA-NOSTRA, tendo já uma primeira nótula sido apresentada por V. S. Gonçalves e M. Calado (2006), recentemente sintetizada (Gonçalves 2013).

FIG. 7. Esboços de placas de xisto recolhidos no sítio de Água Frias, notando-se a presença de placas sumariamente conformadas e de placas sumariamente polidas (adaptado de Calado e Rocha 2007:40, Figura 10).



13. *Perdigões (Reguengos de Monsaraz)*

Localiza-se na extremidade Oeste do vale da ribeira do Álamo, na vertente de uma elevação aberta sobre a planície megalítica de Reguengos, e tendo como horizonte a elevação de Monsaraz a nascente (Lago *et al.* 1998). A investigação deste sítio tem-se desenvolvido nas últimas décadas, utilizando diferentes métodos de abordagem, conjugando prospecções geofísicas com escavações arqueológicas. Documenta-se a presença de três fossos sinuosos, sete lineares e uma paliçada (Valera 2012b), que delimitam áreas amplas e diversificadas, apresentando uma longa diacronia de utilização (segunda metade do 4º até ao final do 3º milénio a.n.e.). Para além dos fossos identificou-se um conjunto grande e seguramente diversificado de estruturas negativas e materiais arqueológicos. Do lado nascente, junto ao fosso exterior, encontra-se um espaço de necrópole, que integra vários sepulcros colectivos (Valera *et al.* 2008). Todavia, têm vindo a ser reconhecidas deposições e práticas funerárias em toda a extensão do sítio (Valera 2012a), tornando bastante complexa a devida integração de achados em contextos domésticos ou funerários.

As placas de xisto recolhidas até ao momento nos Perdigões são numericamente pouco expressivas: cerca de dez elementos, quatro das quais de pequenas dimensões (Valera e Evangelista 2014:288). Os contextos de proveniência destas placas são diversificados, tendo-se identificado quatro placas no interior do Sepulcro 1, uma delas reaproveitada (Lago *et al.* 1998), uma placa em fase de fabrico no interior de um dos fossos datável da segunda metade do 4º milénio a.n.e. (informação pessoal de António Valera, 2015) e as restantes foram identificadas à superfície, devido à surribo realizada no final da década de noventa.

14. *Porto das Carretas (Mourão)*

Localiza-se num esporão na margem esquerda do Guadiana, decorrendo os trabalhos arqueológicos no âmbito das medidas de minimização da barragem de Alqueva (Soares 2013). Neste sítio registaram-se duas fases de ocupação, separadas por um período de abandono. A primeira fase, enquadrada na primeira metade do 3º milénio a.n.e. caracteriza-se pela construção de uma fortificação constituída por três linhas de muralhas, dotadas de bastiões e de uma torre central (Soares 2013). A Fase II que decorreu no terceiro quartel do 3º milénio a.n.e., caracteriza-se pela edificação de um conjunto de estruturas de planta circular ligadas entre si, uma das quais de grandes dimensões, não se identificando nenhuma estrutura delimitadora do espaço ocupado (Soares e Silva, 2010). A esta ocupação associa-se um conjunto de fragmentos cerâmicos com decoração campaniforme integrada no grupo Internacional.

Neste sítio identificou-se uma placa de xisto com forma reconstituível (Fig. 3:6) proveniente da Fase I, recolhida na base da sequência estratigráfica (Soares 2013:269-270). Apresenta contorno sub-trapezoidal, com perfuração. A Cabeça encontra-se decorada com faixas horizontais preenchidas (possivelmente quatro em ambos lados) convergindo dos bordos laterais para a “Cabeça dentro da Cabeça”. O Corpo, separado da Cabeça por uma linha simples, apresenta-se decorado com faixas zigzagueantes não

compartimentadas (duas), enquadradas por bandas de triângulos preenchidos (com vértice para baixo no topo, com vértice para cima na base). Apresenta no verso traços intensos de polimento, resultantes da preparação do suporte prévio à gravação (Soares 2013:271).

15. Celeirões (Portel)

Povoado dado a conhecer apenas sumariamente (Oliveira 1996-97). Ainda que apresentado como um pequeno povoado implantado no topo de um cerro, acreditamos que possa tratar-se de uma ocupação de muito maiores dimensões, tal como fica indiciado na publicação com a indicação da área e riqueza de achados. Por entre um conjunto relativamente diversificado de materiais cerâmicos, líticos e metálicos, típicos do 3º milénio a.n.e. (formas de bordo espessado, elementos de tear, cadinhos de fundição, cerâmica campaniforme, artefactos de pedra polida, pontas de seta e lâminas), importa realçar a presença de ídolos de calcário e fragmentos de placas de xisto, em número não mencionado e não se dispondo de quaisquer dados sobre a gramática decorativa das mesmas.

16. Ponte da Azambuja 2 (Portel)

Localiza-se numa plataforma de vertentes suaves na margem da ribeira da Azambuja, com boa visibilidade da área envolvente (Rodrigues 2008:49). A identificação e intervenção arqueológica enquadraram-se no âmbito das medidas de minimização da barragem de Alqueva. Foram identificados segmentos de dois fossos, tendo-se recolhido no seu interior um conjunto artefactual diversificado, cronologicamente integrado na segunda metade do 4º milénio a.n.e. (Rodrigues 2013:437).

No interior de um destes fossos, associada a espólio do Neolítico final (destacando-se a abundância de formas carenadas e a ausência de formas de bordo espessado) recolheu-se uma pequena placa de xisto reaproveitada, sem perfuração (Rodrigues 2008:53-54). Apresenta-se decorada com duas faixas verticais paralelas preenchidas (truncadas pelo polimento posterior), podendo corresponder ao reaproveitamento da área da Cabeça de uma placa de xisto gravada (Fig. 3:7).

Placas de xisto gravadas em contextos de povoado no Sudoeste peninsular

Na região em estudo, entendida como a área de origem das placas de xisto gravadas, a presença destes artefactos distribui-se por povoados com características distintas, seja a nível tipológico/funcional ou cronológico – indicando, pelo menos a nível teórico, a possível transversalidade cronológica e cultural do uso das placas de xisto, não necessariamente entendidas nos mesmos moldes simbólicos.

Estão presentes assim em sítios abertos (Serra 1, Fontalva, Horta da Vinagreira, Terrugem, Candeeira 1, Celeirões), em povoados muralhados (São Pedro, Porto das Carretas e potencialmente Castelo de Pavia e Fonte Ferrenha) e em povoados delimitados por fossos (Moreiros 2, Santa

Vitória, Águas Frias, Perdigões, Ponte da Azambuja 2). Enquadram-se igualmente em diferentes cronologias, em sítios ocupados exclusivamente em finais do 4º/inícios do 3º milénio a.n.e. ou com largas diacronias de ocupação até ao último quartel do 3º milénio a.n.e.

Todavia, na maioria dos casos analisados, tratando-se de recolhas de superfície ou escavações antigas, a sua posição crono-estratigráfica não é determinável. Nos sítios de fossos citados, apesar de alguns deles apresentarem longas sequências de ocupação, os contextos directamente associados a placas de xisto escavados recentemente (Perdigões e Ponte da Azambuja 2) inserem-se na transição do 4º para o 3º milénio a.n.e. Este enquadramento cronológico poderá ser extensível igualmente a Moreiros 2 e Águas Frias, tendo em conta os paralelos artefactuais.

Em relação aos sítios fortificados, reconhecem-se duas situações distintas: no Porto das Carretas, a placa de xisto está associada à ocupação da Fase I datada da primeira metade do 3º milénio; em relação a São Pedro (e possivelmente também a Fonte Ferrenha), as placas de xistos encontram-se em fases mais recentes (Fases IV e V), datáveis da segunda metade do 3º milénio a.n.e.

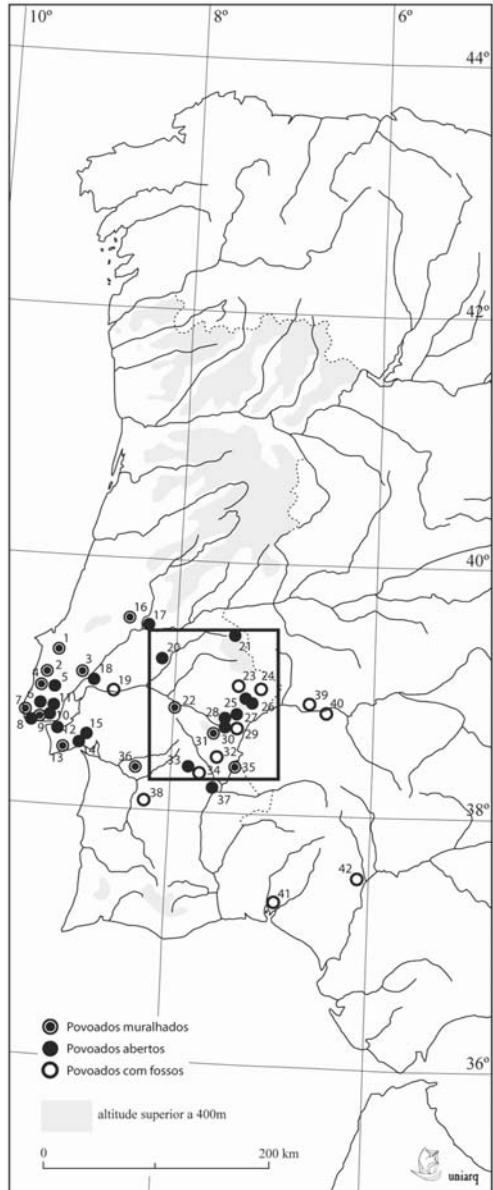
Para além desta área, as ocorrências de placas de xisto em povoados estendem-se igualmente por todo o Sudoeste peninsular, da Estremadura à Andaluzia, coincidindo com a área genérica de dispersão de contextos funerários em que se encontram estes mesmos artefactos (Fig. 8). Distribuem-se, assim, não só para além da área fulcral de origem das placas de xisto, como também para além das manchas geológicas onde está disponível a matéria-prima necessária ao seu fabrico. Particularmente interessante é a sua relativa densidade em povoados da Estremadura, em contextos datados desde o Neolítico final ao Calcolítico final (Fig. 9). Esta é uma área de certo modo periférica quanto à presença de placas de xisto face ao maior destaque de outros artefactos ideotécnicos; por outro lado, não existe matéria-prima disponível no substrato geológico local, tratando-se assim nesta região de um “sagrado exógeno” (Gonçalves, 2003a).

No contexto genérico do Sudoeste (ainda que os dados se remetam maioritariamente à baixa Estremadura devido a contingências arqueográficas), as características que oferecem as ocupações registadas nestes sítios são genericamente idênticas àquelas registadas no Alto Alentejo (salvaguardando-se as óbvias particularidades regionais, como é evidente).

Em relação aos povoados abertos, as escavações recentes de Vale de Lobos (com ocupações exclusivas do Neolítico final) e Espargueira/Serra das Éguas (com várias fases de ocupação) forneceram placas de xisto, dispondo-se de datações que os colocam entre o último quartel do 4º e o primeiro do 3º milénio a.n.e. (Valente 2006:77; Encarnação 2010:90). Também para Parede, onde se recolheu um fragmento de placa, estão disponíveis datações enquadráveis entre o primeiro e o segundo quartel do 3º milénio a.n.e. (Gonçalves 2005), relacionadas com o designado horizonte “Parede I” com cerâmicas carenadas, bordos denteados e copos canelados (Paço, 1964).

Carnaxide (Andrade e Gomes 1959) e Fonte do Sol (Santos 2010) apresentam ocupações do Neolítico final e Calcolítico final, não sendo clara a posição das placas de xisto na estratigrafia. Já no Pedrão, uma placa de xisto praticamente inteira surgiu em níveis com materiais atribuíveis ao

FIG. 8. Contextos habitacionais com placas de xisto gravadas no Sudoeste peninsular (o rectângulo indica a área do Alto Alentejo). 1: Outeiro de São Mamede, Bombarral; 2: Zambujal, Torres Vedras; 3: Vila Nova de São Pedro, Azambuja; 4: Penedo do Lexim, Mafra; 5: Negrals, Sintra; 6: Vale de Lobos, Sintra; 7: Penha Verde, Sintra; 8: Parede, Cascais; 9: Leceia, Oeiras; 10: Carnaxide, Oeiras; 11: Espargueira/Serra das Éguas, Amadora; 12: Quinta da Torre, Almada; 13: Outeiro Redondo, Sesimbra; 14: Pedrão, Setúbal; 15: Fonte do Sol, Palmela; 16: Fonte Quente 2, Tomar; 17: Cova dos Castanheiros, Constância; 18: Porto do Sabugueiro (Alqueve 1), Salvaterra de Magos; 19: Cabeço do Pé da Erra, Coruche; 20: Serra 1, Ponte de Sôr; 21: Castelo de Vidas, Castelo de Vide; 22: Castelo de Pavia, Mora; 23: Moreiros 2, Arronches; 24: Santa Vitória, Campo Maior; 25: Fontalva, Elvas; 26: Horta da Vinagreira, Elvas; 27: Terrugem, Elvas; 28: Candeeira 1, Redondo; 29: Água Frias, Alandroal; 30: Fonte Ferranha, Alandroal; 31: São Pedro, Redondo; 32: Perdígões, Reguengos de Monsaraz; 33: Celeirões, Portel; 34: Ponte da Azambuja 2, Portel; 35: Porto das Carretas, Mourão; 36: Monte da Tumba, Alcácer do Sal; 37: Sala #1, Vidigueira; 38: Porto Torráo, Ferreira do Alentejo; 39: El Lobo, Badajoz; 40: La Pijotilla, Badajoz; 41: Papa Uvas, Huelva; 42: Valencina de la Concepción, Sevilla



Calcolítico e ao período romano (Soares e Silva 1975:147); registam-se aqui ocupações do Calcolítico inicial e final, sem indícios de Calcolítico pleno.

As placas de xisto recolhidas na Sala #1 (incluindo exemplares gravados e anepígrafos) encontram-se incluídas no Nível 3, cuja datação apre-

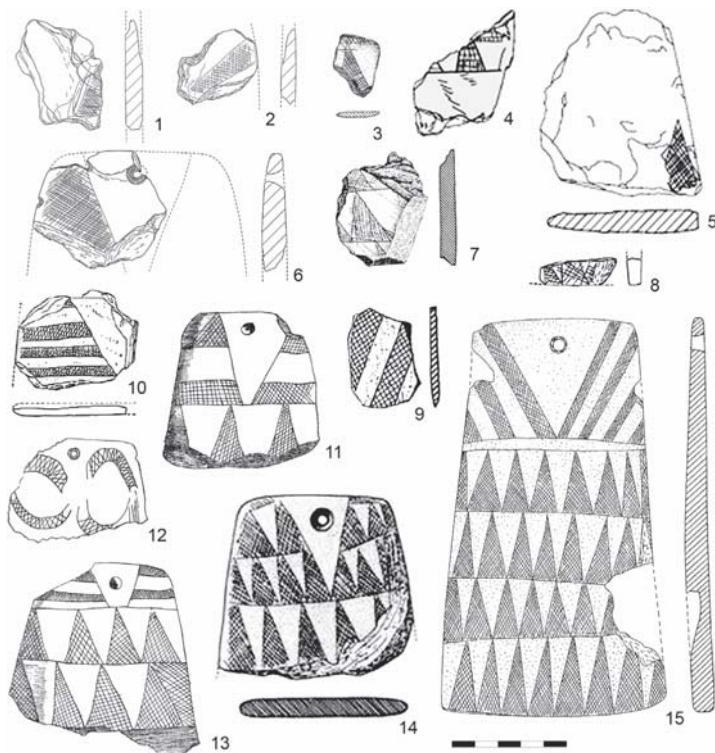


FIG. 9. Alguns exemplos de placas de xisto gravadas recolhidas em contextos habitacionais da península de Lisboa. 1: Vale de Lobos (inérito, escavações de Alexandra Valente); 2: Parede (inérito, Museu Condes Castro Guimarães); 3-5: Espargueira-Serra das Éguas (3 adaptado de Miranda *et al.* 1999:19; 4 e 5 adaptado de Encarnação 2010, vol. 2:70, Figura 68, 72, Figura 70); 6: Penedo do Lexim (adaptado de Sousa 2010, vol. 2:141, Figura 143); 7-10: Zambujal (7 adaptado de Sangmeister *et al.* 1971:95, Figura 5; 8 e 10 adaptado de Gally e Spindler 1972:21, Figura 5 e 9; 9 adaptado de Sangmeister *et al.* 1970:112, Figura 4); 11-13: Vila Nova de São Pedro (adaptado de Jalhay e Paço 1945:42, Figura 5); 14: Outeiro de São Mamede (adaptado de Cardoso e Carreira 2003:227, Figura 71); 15: Pedrão (adaptado de Soares e Silva 1975:Estampa XVII).

senta contudo um extenso intervalo de tempo englobando toda a primeira metade do 3º milénio a.n.e (Gonçalves 1987; 2003b).

Para o caso dos povoados muralhados, a situação afigura-se mais problemática. É certo que alguns deles apresentam ocupações referentes ao Neolítico final prévias ao primeiro momento de fortificação, como Penedo do Lexim (Sousa 2010), Leceia (Cardoso 1997), Zambujal (julgando pelas cerâmicas carenadas e de bordos denteados apresentadas em Paço *et al.* 1964). Contudo, outros existem que apresentam ocupações exclusivamente calcolíticas, como Vila Nova de São Pedro (Jalhay e Paço 1945), Outeiro Redondo (Cardoso 2009) ou Monte da Tumba (Silva e Soares 1987), por vezes datadas já da última metade do 3º milénio a.n.e., como Penha Verde (Cardoso 2010-2011).

Em relação aos contextos de recolha, estes apresentam âmbitos cronológicos diversos. O fragmento de monte da Tumba, para além de outros recolhidos na camada superficial, é atribuído à Fase I, situada entre o último quartel do 4º e inícios do 3º milénio a.n.e. (Silva e Soares, 1987:53). No Penedo do Lexim, por seu lado, é referida a sua presença já em contextos claros de Calcolítico pleno, em momentos de abandono (lixeiros e derubos), não existindo qualquer contexto de uso evidente (Sousa 2010:143).

O caso de Vila Nova de São Pedro é problemático em relação aos contextos de proveniência e à quantidade de placas identificadas, uma vez que

os seus escavadores mencionam a escassez destes elementos (Paço e Jalhay 1942, 1943; Jalhay e Paço, 1945), para se apontar posteriormente a recolha de numerosos fragmentos (Spindler 1981:225; Arnaud *et al.* 2005:172).

Os problemas arqueográficos, relativamente ao enquadramento espacial e cronológico das placas de xisto, documentadas em povoados fortificados são semelhantes aos verificados nos sítios com fossos.

No Cabeço do Pé da Erra, onde escavações recentes permitiram a identificação de um fosso (Gonçalves e Sousa 2014), os fragmentos de placas de xisto (incluindo peças gravadas, em fase de conformação e lascas daí resultantes) associam-se a um contexto datado do primeiro terço do 3º milénio a.n.e. (Gonçalves 1983-84; 1989).

No Porto Torrão, para além da placa acompanhando uma inumação em fossa (Neto *et al.* 2013), foram recolhidos diversos fragmentos (entre os quais um exemplar reaproveitado e um possível esboço) em contextos interpretados como de “lixreira”, associados a materiais de uso “doméstico” (Rocha *et al.* 2011). Um outro fragmento deste sítio foi recolhido no depósito superior de colmatação do Fosso 2, correspondente à Fase 3, com campaniforme, sobre níveis datados de finais do 3º milénio a.n.e. (Valera e Filipe 2004:47-48; Valera 2013:9).

Em El Lobo, junto a Badajoz, e imediato à região de maior concentração de placas de xisto, foi recolhido um fragmento num “fundo de cabana” associado a espólio atribuível ao Calcolítico inicial, destacando-se os bordos almendrados (Molina Lemos 1980).

Em La Pijotilla foi recolhido um grande número de placas de xisto, incluindo exemplares inteiros; a sua posição estratigráfica não é muito clara, referindo-se a elementos recolhidos à superfície pertencentes à colecção Domínguez (Hurtado 1981), contando-se igualmente com a sua recolha na Tumba 3 (Hurtado 1987).

Em Papa Uvas, vários fragmentos surgiram igualmente no interior de um fosso (Estrutura 3), incluídos num estrato com taças carenadas e esféricos mamilados, atribuível à Fase 2 do povoado mas ainda enquadrável na segunda metade do 4º milénio a.n.e. (Martín de la Cruz 1985:139).

Em Valencina de la Concepción, o grande povoado situado nas imediações do paleo-estuário do Guadalquivir, para além do exemplar oculado do *tholos* de Cerro de la Cabeza (Fernandez Gomez e Ruíz Mata 1978), foram recolhidos dois fragmentos num “fundo de cabana”, datável de meados do 3º milénio a.n.e., mas anterior à cerâmica campaniforme (Pajuelo Pando e López Aldana, 2013:508).

Concluindo: sobre os possíveis significados da presença de placas de xisto gravadas em contextos de povoado.

Como visto, a presença de placas de xisto gravadas em contextos de povoado no Sudoeste peninsular não é de todo invulgar. Nada a obstar neste sentido, pois apesar de se tratarem de eminentes objectos para *mortos*, estes seriam obviamente produzidos por *vivos* (e, consequentemente, em espaços de *vivos*) – pelo que a sua presença em espaços habitacionais não seja de todo improvável. Por outro lado, nada obsta a que as placas de

xisto possam ter origem em utilizações funerárias realizadas em áreas intra-habitat, como sobejamente documentado em sítios de fossos. No entanto, a circunstância de estas estarem associadas a placas de xisto apenas se reconhece indubitavelmente no caso de Porto Torrão, identificando-se uma inumação em fossa realizada dentro do espaço do povoado, acompanhada por uma placa de xisto oculada (Neto *et al.* 2013).

Também em ocupações de natureza distinta, estas se encontram documentadas, não sendo a sua origem funerária descartada por completo em casos como Pedrão (Soares e Silva 1975) e Porto das Carretas (Soares 2013), ainda que venha claramente sugerida apenas no caso de Vidais (Leisner e Leisner 1959), o qual poderá não ser originário necessariamente da área de habitat, mas eventualmente de algum contexto funerário presente nas formações de tipo abrigo que se encontram associadas, como também poderia suceder no caso de Negrais (Serrão 1981).

Obviamente que se exclui desta avaliação a recolha de placas de xisto em sepulcros situados no espaço imediato de povoados. Contudo, em La Pijotilla, a maioria dos elementos apresentados (Hurtado 1981; 1987; 2010) refere-se a recolhas em áreas não coincidentes com os espaços funerários reconhecidos. Da mesma maneira, o conjunto de Granja de Céspedes, não sendo clara a sua proveniência, poderá ser procedente de um sepulcro localizado nas suas imediações (como sugerido), o que número e estado de conservação dos exemplares permite supor (Almagro Basch 1961-62).

No entanto, dentro deste panorama geral e com os dados disponíveis, são escassos os contextos que se poderão interpretar indubitavelmente como *ateliers*, na medida em que a maioria dos artefactos registados correspondem a exemplares fragmentados mas concluídos – sendo raros aqueles que aparentam tratar-se, claramente, de esboços ou exemplares em fase de gravação (tendo como paradigma óbvio o caso de Águas Frias).

Para além de Águas Frias, esta realidade parece registar-se em Cabeça do Pé da Erra e Sala #1, aos quais se poderão acrescentar os casos sugeridos acima de Moreiros 2, Candeeira 1 e Perdígões – ainda que os contextos não documentem aparentemente o mesmo nível de *especialização* do primeiro sítio citado.

Para a grande maioria dos sítios, principalmente aqueles com longas diacronias de ocupação dentro do 3º milénio, é mais difícil defender a existência de efectivas áreas de produção. A presença de placas de xisto gravadas, ainda que possa reportar-se às fases iniciais desses sítios, poderá indicar também a recuperação e reintrodução destes artefactos em povoados (como *reliquias*?), possivelmente entendidos no quadro de novas concepções simbólicas e podendo ter sido recuperados durante o reuso de sepulcros, prática sobejamente documentada no Sudoeste peninsular durante todo o 3º milénio a.n.e. – sendo de referir neste sentido que a maioria dos sítios se localiza próximo a contextos funerários com placas de xisto gravadas.

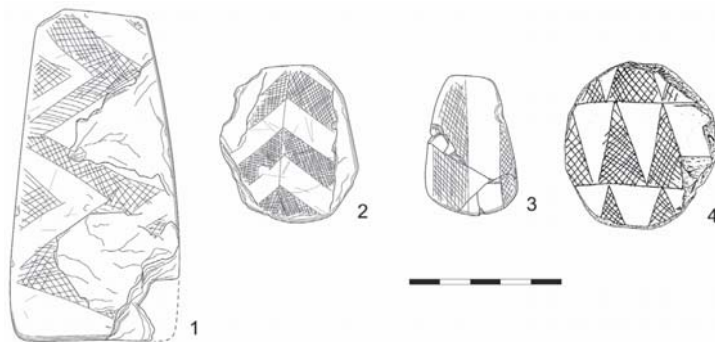
Particularmente a respeito da sua presença no povoado de Espargueira/Serra das Éguas, onde se recolheu um número mínimo de oito elementos (Leitão *et al.* 1973; Miranda *et al.* 1999; Encarnação 2010), foi já referida a proximidade extrema das grutas artificiais de Carenque, onde placas de xisto também estão presentes (Gonçalves *et al.* 2004). Em

específico, no âmbito da definição possível do esquema de povoamento de ambos contextos, pretextou-se que as deposições acompanhadas por estes artefactos em Carenque poderiam referir-se aos habitantes neolíticos daquele sítio, ou, em alternativa, tratar-se-iam de artefactos recuperados e transportados para o povoado pelos utilizadores campaniformes de ambos espaços (Andrade 2011:33). No entanto, as escavações recentes possibilitaram a datação de contextos estratigraficamente associados a placas de xisto, colocando-os entre o último quartel do 4º e o primeiro do 3º milénio a.n.e. (Encarnação 2010:90).

Contudo, não poderá deixar de ser notado que grande parte dos elementos recolhidos em povoado se refere a exemplares fragmentados, muitas vezes reduzidos a pequenos fragmentos – escasseando os elementos inteiros. Pode-se assim questionar: ao tratarem-se de recuperações, porque não fazê-lo de exemplares completos? Terão sido fragmentadas durante o reuso dos monumentos e recuperadas como “curiosidade”? Estarão fracturadas por fenómenos pós-deposicionais não identificados já em contexto habitacional? Ambas hipóteses são válidas. E se para a maioria dos povoados poderemos fazer corresponder teoricamente estas presenças a etapas avançadas do 3º milénio a.n.e. (lembrando a sua diacronia de ocupação), para o referido sítio de Vale de Lobos, com uma única ocupação coincidente com o apogeu do uso de placas de xisto, a presença de um pequeno fragmento não poderá ser explicada por esta circunstância. Todavia, ainda que apanágio dos mortos, estes elementos terão sido manipulados em espaços de vivos, em particular numa região onde os mesmos não deverão ter sido produzidos.

Neste mesmo sentido, é igualmente importante assinalar a presença em povoado de placas reaproveitadas com repolimento e reconformação dos contornos, assumindo-se como placas de “segunda geração” (Fig. 10) – podendo ser esta uma das evidências da sua reutilização tardia. Se para as placas reaproveitadas de Vila Nova de São Pedro (Arnaud *et al.* 2005), La Pijotilla (Hurtado 1981), Porto Torrão (Rocha *et al.* 2011) e Carnaxide (Andrade e Gomes 1959), com ocupações até finais do 3º milénio a.n.e., se poderiam defender reutilizações tardias, para o exemplar de Ponte da Azambuja 2 (Rodrigues 2008), registando uma ocupação exclusiva da segunda metade do 4º milénio a.n.e. (possivelmente do seu último quartel),

FIG. 10. Placas reaproveitadas recolhidas em contextos habitacionais. 1: Vila Nova de São Pedro (desenhada a partir de Arnaud *et al.* 2005:172); 2: Porto Torrão (desenhado a partir de Rocha *et al.* 2011:Figura 2); 3: Ponte da Azambuja 2 (cortesia de Filipa Rodrigues); 4: La Pijotilla (adaptado de Hurtado 1981:172, fig. 3). De notar a feição arredondada do reaproveitamento das placas de Porto Torrão e La Pijotilla.



a explicação não poderá ser tão linear. De igual modo, existem exemplares reaproveitados em contextos funerários datáveis de um momento pleno do Megalitismo (Gonçalves *et al.* 2003; Lillios 2010), pelo que não parece tão evidente justificar este reaproveitamento por reutilizações de artefactos em etapas mais tardias (já tendo caído em desuso os rituais associados às placas de xisto gravadas).

Assim, à luz dos dados actualmente disponíveis, não é defensável que as placas de xisto documentadas em áreas de ocupação permanente ou prolongada estejam exclusivamente relacionadas com eventuais contextos funerários aí existentes, devendo procurar-se um leque alargado de possibilidades para a explicação destas presenças, desde as mágico-simbólicas às mais funcionalistas.

Lisboa/Redondo
Inverno de 2014-2015

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almagro Basch, Martín

1961-62 Un ajuar dolménico excepcional procedente de la Granja de Céspedes de Badajoz. *Homenaje a C. Mergelina*, pp. 35-82. Murcia.

Andrade, Gil M., e J. J. F. Gomes

1959 Estudo preliminar da estação pré-histórica de Carnaxide. En *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* 1, pp. 137-146. Lisboa.

Andrade, Marco A.

2011 O sítio pré-histórico do Monte das Pedras (Mina, Amadora): identificação e caracterização de uma possível oficina de talhe neolítica. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 14:5-39.

Arnaud, José M., Mário V. Gomes, António M. Soares, Sónia Ferreira, e Carla Estrela

2005 Vila Nova de São Pedro: uma fortificação calcolítica do Litoral Estremenho. En *Construindo a memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*, coordenado por José M. Arnaud & Carla Fernandes, pp. 141-219. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

Boaventura, Rui

2001 *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

2006 Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do *cluster* de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9(2):61-73.

Boaventura, Rui, e Rui Mataloto

2013 Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do megalitismo do Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 16:81-101.

Calado, Manuel

1993 *Carta Arqueológica do Alandroal*. Câmara Municipal, Alandroal.

1995 *A região da Serra d'Ossa: Introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Lisboa.

2001 *Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

2002 Povoamento pré e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-Madan* 2ª série, 11:122-127.

2004 *Menires do Alentejo Central*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Calado, Manuel, e Rui Mataloto

2001 *Carta Arqueológica do Redondo*. Câmara Municipal, Redondo.

Calado, Manuel, e Leonor Rocha

2007 As primeiras sociedades camponesas no Alentejo Central: a evolução do povoamento. En *Los primeros campesinos de La Raya: aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*, editado por Enrique Cerrillo Cuenca y Juan M. Valadés Serra, pp. 29-46. Junta de Extremadura, Cáceres.

Calado, Manuel, e Conceição Roque

2013 *Nova Carta Arqueológica do Alandroal*. Câmara Municipal, Alandroal.

Cardoso, João L.

1997 *O povoado de Leceia. Sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Câmara Municipal, Oeiras.

2009 Espólios do povoado calcolítico fortificado de Outeiro Redondo (Sesimbra): as colheitas do arq. Gustavo Marques. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12(1):73-114.

2010-2011 O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 18:467-551.

Cardoso, João L., e Júlio R. Carreira

2003 O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 11:97-228.

Correia, Vergílio

1921 *El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal)*. Museo Nacional de Ciencias Naturales, Madrid (edição fac-similada, 1999).

Dias, Ana C.

1994 Povoado de Sta. Vitória. *Informação Arqueológica* 9:124-125.

1996 *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Santa Vitória*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

2001 Povoado Pré-histórica de Santa Vitória (Campo Maior). *Estudos/Património* 1:73-75.

Encarnação, Gisela

2010 *As cerâmicas carenadas do povoado da Espargueira (Serra das Éguas, Amadora). Um contributo para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Fernández Gómez, Fernando, y Diego Ruíz Mata

1978 El «tholos» de Cerro de la Cabeza en Valencia de la Concepción (Sevilla). *Trabajos de Prehistoria* 35:193-224.

Gallay, Gretel, und Konrad Spindler

1972 Varatojo und Lapa do Suão. Zum Neolithikum im Westen der Iberischen Halbinsel. *Madrider Mitteilungen* 13:11-22.

Gonçalves, Victor S.

1983-84 Cabeço do Pé da Erra (Coruche), contribuição da Campanha 1(83) para o conhecimento do seu povoamento calcolítico. *Clio/Arqueologia* 1:69-75.

1987 O povoado pré-histórico da Sala nº 1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a campanha 1 (88). *Portugália*. Nova série, 8:7-16.

1989 Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 1: Deusa(s) Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor* 7:289-302.

2003a *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. 2ª edição. Câmara Municipal, Cascais.

2003b *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

2005 Cascais há 5000 anos. Tempos, símbolos e espaços da morte das antigas sociedades camponesas. In *Cascais há 5000 anos*, editado por Victor S. Gonçalves, pp. 63-195. Câmara Municipal, Cascais.

2013 Antes de Endovélico... A propósito das placas de xisto gravadas da anta de Santiago Maior e das antas da Herdade dos Galvões (Alandroal, Alentejo). *Cadernos de Endovélico* 1:105-123.

Gonçalves, Victor S., Marco A. Andrade, e André Pereira

2004 As placas de xisto gravadas das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque e da necrópole das Baútas (Mina, Amadora). *O Arqueólogo Português*. 4ª série, 22:113-162.

Gonçalves, Victor S., e Manuel Calado

2006 Working at home (and abroad): the atelier of engraved schist plaques of Águas Frias (Alandroal). Comunicação apresentada à Sessão C43: *Symbolic figurations in the 4rd and 3rd millenia in the South of Iberian Peninsula: the engraved schist plaques and their figurative and schematic counterparts* do XV Congresso da União Internacional das Ciências Pré-históricas e Proto-históricas, Lisboa.

Gonçalves, Victor S., André Pereira, e Marco A. Andrade

2003 A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. 4ª série, 21:209-244.

Gonçalves, Victor, e Ana Catarina Sousa

2014 Coruche e as antigas sociedades camponesas. In *Coruche, o céu, a terra e os homens*, pp. 29-67. Câmara municipal, Coruche.

Hurtado, Víctor

1981 Los idolos calcolíticos de la Pijotilla (Badajoz). *Zephyrus* 30/31:165-203.

1987 El Calcolítico en la Cuenca Media del Guadiana y la necrópolis de la Pijotilla. *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo Peninsular*, p. 51-75. Madrid.

- 2010 Representaciones simbólicas, sitios, contextos e identidades territoriales en el suroeste peninsular. In *Ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas*, coordinado por Carmen Cacho, Ruth Maicas, Eduardo Galán y Juan A. Martos, pp. 137-198. Ministerio de Cultura, Madrid.
- Jalhay, Eugénio, e Afonso do Paço
1945 El castro de Vila Nova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria* 20:5-91.
- Lago, Miguel, Cidália Duarte, António C. Valera, João Albergaria, Francisco Almeida, e António F. Carvalho
1998 Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1(1):45-152.
- Leisner, Georg, und Vera Leisner
1959 *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. 1:2. Walther de Gruyter, Berlin.
- Leitão, Manuel, C. T. North, e Octávio V. Ferreira
1973 O povoado pré-histórico da Serra da Espargueira (Belas). En *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, vol. 1, pp. 143-157. Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Lillios, Katina
2008 *Heraldy for the Dead: Memory, Identity and the Engraved Stone Plaques of Neolithic Iberia*. Texas University Press.
2010 Mnemonic practices of the Iberian Neolithic: The production and use of the engraved slate plaque-relics. In *Material Mnemonics. Everyday Memory in Prehistoric Europe*, editado por Katina Lillios & Vasileos Tsamis, pp. 40-72. Oxbow Books, Oxford.
- Martín de la Cruz, José C.
1985 *Papa Uvas I, Aljaraque-Huelva. Campañas de 1976 a 1979*. Ministerio de Cultura, Madrid.
- Mataloto, Rui
2006 Entre Ferradeira e Montelavar: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9(2):83-108.
2010 O 3.º/4.º milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. In *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.*, editado por Victor S. Gonçalves & Ana Catarina Sousa, pp. 263-295. Câmara Municipal, Cascais.
- Mataloto, Rui, e Rui Boaventura
2009 Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações de radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12(2):31-77.
- Mataloto, Rui, Susana Estrela, e Catarina Alves
2007 As fortificações calcolíticas do São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal). En *Los primeros campesinos de La Raya: aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*, editado por Enrique Cerrillo Cuenca y Juan M. Valadés Serra, pp. 113-141. Junta de Extremadura, Cáceres.

- Miranda, Jorge A., Gisela Encarnação, João C. Viegas, Eduardo Rocha, e António González
1999 *Carta Arqueológica da Amadora*. Câmara Municipal, Amadora.
- Molina Lemos, Lucio
1980 El poblado del Bronce I de El Lobo. *Noticiario Arqueologico Hispanico*. 9:93-127.
- Neto, Nuno, Miguel Rocha, Raquel Santos, e Paulo Rebelo
2013 Povoado calcolítico do Porto Torrão – uma inumação em fossa. En *Arqueologia em Portugal: 150 anos*, coordenado por José M. Arnaud, Andrea Martins, e César Neves, pp. 379-385. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- Oliveira, Jorge
1996-1997 O povoado calcolítico dos Celeirões, Monte Trigo – Portel. Notícia da sua identificação. *A Cidade de Évora*. 2ª série, 2:25-33.
- Paço, Afonso do
1964 *Povoado Pré-histórico da Parede (Cascais)*. Câmara Municipal, Cascais.
- Paço, Afonso do, Octávio V. Ferreira, e Abel Viana
1957 Antiguidades de Fontalva. Neo-eneolítico e época romana. *Zephyrus* 8:111-133.
- Paço, Afonso do, e Eugénio Jalhay
1942 A póvoa eneolítica de Vila Nova de São Pedro. Notas sobre a 3.ª, 4.ª e 5.ª campanhas de escavações – 1939, 1940 e 1941. *Brotéria* 36(6):635-663.
1943 A póvoa eneolítica de Vila Nova de São Pedro. I – Escavações de 1942. *Brotéria* 37(1):37-59.
- Paço, Afonso do, Vera Leisner, Leonel Trindade, Hermanfrid Schubart, e Octávio V. Ferreira
1964 Castro do Zambujal (Torres Vedras). I – Trabalhos até 1963. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, 2ª série, 61/62:279-306.
- Pajuelo Pando, Ana, y Pedro López Aldana
2013 Ideologia de un centro de poder. Nuevos productos ideológicos de Valencina (Sevilla). En *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, editado por J. Jiménez Ávila, Miriam Bustamante Álvarez y Macarena García Cabezas, pp. 501-519. Edición electrónica.
- PONTIS
1999 *Carta Arqueológica de Ponte de Sor*. Câmara Municipal, Ponte de Sor.
- Rocha, Miguel, Paulo Rebelo, Raquel Santos, e Nuno Neto
2011 Contextos e objectos simbólico-religiosos do Porto Torrão: os ídolos e as placas de xisto. En *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, editado por João Cascalheira e Célia Gonçalves, pp. 399-406. Universidade do Algarve, Faro.
- Rocha, Leonor
1999 *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história regional*. Câmara Municipal, Mora.
- Rodrigues, Filipa
2008 O recinto de fossos Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora): primeira notícia. *Apartamentos de Arqueologia e Património* 2: 49-56.

- 2013 *Ídolomania*: figuras antropomórficas e “ídolos de cornos” do recinto de fossos do Neolítico final de Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora). En *Arqueologia em Portugal: 150 anos*, coordenado por José M. Arnaud, Andrea Martins e César Neves, pp. 435-446. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- Sangmeister, Edward, Hermanfrid Schubart, e Leonel Trindade
1970 Escavações na fortificação eneolítica do Zambujal 1968. *O Arqueólogo Português*. 3ª série, 4:65-114.
1971 Escavações na fortificação da Idade do Cobre do Zambujal/Portugal 1970. *O Arqueólogo Português*. 3ª série, 5:51-96.
- Santos, Michelle T.
2010 Alguns materiais inéditos do Moinho da Fonte do Sol das coleções de Arqueologia do Museu Municipal de Palmela. *Musa* 3:130-136.
- Serrão, Eduardo C.
1981 O complexo Arqueológico do Lapiás de Negrals (Sintra) – III. *Arqueologia* 4: 105-115.
- Silva, Carlos T., e Joaquina Soares
1987 O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I – Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica* 8:29-79.
- Soares, Joaquina
2013 *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal: o povoado do Porto das Carretas*. Beja: EDIA/DRCALEN.
- Soares, Joaquina, e Carlos T. Silva
1975 A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica* 1:53-154.
2010 O povoado fortificado do Porto das Carretas. In *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.*, editado por Victor S. Gonçalves & Ana Catarina Sousa, pp. 225-262. Câmara Municipal, Cascais.
- Sousa, Ana Catarina
2010 *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Spindler, Konrad
1981 *Cova da Moura*. Verlag Phillipp von Zabern, Mainz am Rhein.
- Valente, Alexandra
2006 *Cerâmicas com bordos denteados no povoado de Vale de Lobos (Sintra)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Valera, António C.
2013 Cronologia absoluta dos Fossos 1 e 2 do Porto Torrão e o problema da datação de estruturas negativas de “tipo fosso”. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 9:7-11.
2012a Ditches, pits and hypogea: new data and new problems in south Portugal late neolithic and chalcolithic practices. In *Funerary Practices in the Iberian Peninsula from the Mesolithic to the Chalcolithic*, editado por Juan Gibaja, António F. Carvalho e Phillipe Chambon, pp. 103-113. Archeopress, Oxford (BAR International Series 2417).

- 2012b Fossos sinuosos na Pré-história recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica. In *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, pp. 25-38. Almodôvar.
- Valera, António C., Miguel Lago, Cidália Duarte, Isabel Dias, e Isabel Prudêncio
2008 Investigação no complexo arqueológico dos Perdigões: ponto da situação de dados e problemas. In *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia do Algarve*, pp. 53-66. Universidade do Algarve, Faro.
- Valera, António C., Helmut Becker, e Rui Boaventura
2013 Moreiros 2 (Arronches, Portalegre): geofísica e cronologia dos recintos interiores. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 9:37-46.
- Valera, António C. e Lucy S. Evangelista
2014 Anthropomorphic figurines at Perdigões enclosure: naturalismo, body proportion and canonical posture as forms of ideological language. *European Journal of Archaeology* 17(2): 286-300.
- Valera, António C., e Iola Filipe
2004 O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular. *Era Arqueologia* 6:29-61.
- Valera, António C., Ana Maria Silva, e José Marquez Romero
2014 The temporality of Perdigões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices. *SPAL Revista de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla* 23:11-26.
- Viana, Abel, e António D. Deus
1957 Mais alguns dólmenes da região de Elvas (Portugal). En *IV Congreso Nacional de Arqueologia*, pp. 89-100. Secretaría General de los Congresos Arqueológicos Nacionales, Zaragoza.